

RESENHA

BUBANDT, Nils. 2014. *The empty seashell. Witchcraft and doubt in an Indonesian island*. Ithaca: Cornell University Press. 293p.

Marcelo Moura Mello

Professor na Universidade Federal da Bahia. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ), Brasil. E-mail: mmmello@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 8, p. 264-271, jan./jun. 2019.

ISSN 2447-9837

“Eu nunca vi um bruxo canibal”. Com essas palavras, Nils Bubandt inicia seu instigante *The empty seashell. Witchcraft and doubt on an Indonesia Island*. Esse testemunho faz lembrar a famosa experiência de visão da substância-bruxaria, logo colocada em dúvida e racionalizada, de E. E. Evans-Pritchard (1901-1973). Os paralelos (e as diferenças) entre *The empty seashell* e *Bruxaria, oráculos e magia* são notáveis. Tal como entre os Azande, em Buli, um pequeno vilarejo localizado na ilha de Halmahera, na Indonésia, as pessoas distinguem nitidamente a bruxaria da feitiçaria (p. 2). Entretanto, e esse é um ponto fundamental, a experiência de não ver, ou seja, a presença e a ausência da bruxaria em Buli, está no centro da etnografia de Bubandt (p. ix), cuja obra enfatiza questões relativas à dúvida, ao invés da crença.

Preocupações em torno da crença não raro resultaram em assimetrias, para utilizar a terminologia de Bruno Latour, como se não-modernos depositassem fé absoluta em suas crenças, enquanto a modernidade seria caracterizada pelo conhecimento fundado no racionalismo, no ceticismo e na dúvida. Esquemáticamente falando, é como se a onipresença de crenças (na bruxaria, por exemplo) saturasse o mundo de povos como os Azande de certezas. Bubandt, por sua vez, mostra-se particularmente atento às incertezas relativas à bruxaria, e à consequente necessidade de precaução quanto a ela.

As investidas dos *gua*, bruxos canibais que atacam pessoas para comer seu fígado, implicam em uma experiência que, embora excessivamente corporal (os *gua* espancam, possuem, molestam e matam), não é totalmente acessível ao conhecimento e aos sentidos humanos. Isso significa que as condições de conhecimento de qualquer coisa sobre bruxos (sua epistemologia) são sempre atravessadas por contradições, mesmo que, ontologicamente, bruxos existam. Deste modo, sugere Bubandt, “a bruxaria não é um objeto de crença, mas uma *aporia* experimental [...] a realidade da bruxaria nunca pode ser estabilizada na crença. Ao invés disso, é continuamente deixada em suspenso, em dúvida. A bruxaria é mais presente através de sua ausência” (p. xiv-xv). Ou, como coloca no primeiro capítulo, “em verdade, nada sobre os *gua* é certo” (p. 2).

Curiosamente, a dúvida ocupa um lugar crucial e estranho na antropologia:



sempre em seu centro e sempre tangenciada. Desde a publicação de *Bruxaria, Oráculos e Magia*, obra muito atenta às ambivalências, ao ceticismo e às incertezas, como bem pontua Bubandt, os estudos antropológicos sobre a bruxaria foram dominados por um “paradigma explanatório”, que identifica a centralidade da dúvida na percepção das pessoas sobre a bruxaria conquanto conceba-a como prova da força das crenças e/ou como algo secundário, cumprindo uma função explicativa (p. 7-12). De acordo com Bubandt, a bruxaria não tem função política ou papel social evidentes. Epistemologicamente, não está vinculada de modo claro a qualquer conhecimento e significado humanos. Trata-se de uma forma de indeterminação, pois sua natureza intrínseca é continuamente desmentida pela impossibilidade de conhecê-la integralmente (p. 5).

The Empty Seashell debruça-se sobre a agência que emerge das inquietações suscitadas pela dúvida, sendo apresentado como “uma investigação crítica sobre a relação entre agência e dúvida pelas lentes da bruxaria” (p. 5-6). Na introdução e no capítulo 1 as balizas teóricas da obra são formuladas, os diálogos com teorias, clássicas e contemporâneas, sobre a bruxaria avançados, e o intrigante e ímpar conceito derridiano de aporia apresentado. Em Derrida, esclarece o autor, aporia trata de uma experiência interminável, um enigma da experiência que não tem resolução definitiva e que não é passível, portanto, de ser determinado, categorizado ou localizado em uma ordem significativa (p. 6). Representa um impasse que produz perplexidade e dúvida. A aporia não tem um fim; ao invés disso, é um começo que coloca problemas à experiência (p. 37-38). Como coloca o autor:

[...] embora aporias possam ser um fato geral da vida, elas naturalmente crescem e se alimentam de concepções particulares e práticas de ser, e também são embebidas de condições históricas, políticas e culturais particulares [...] quando se deparam com elas, as pessoas necessitam continuamente produzir soluções, por mais que essas soluções sejam inadequadas. Em Buli, essas soluções são construídas em forma de *bricolage*, composta de materiais e assuntos culturais que se tornam disponíveis por condições históricas, políticas e sociais mutantes. A aporia e suas soluções parciais são parte de um mesmo todo emergente e instável (p. 38).

Dessa operação analítica extraem-se algumas consequências. Em primeiro lugar, o questionamento de um dos principais legados dos estudos sobre a bruxaria,

presente desde Evans-Pritchard, qual seja: a distinção entre fatos reais e crenças. Em segundo lugar, a bruxaria não é concebida enquanto fenômeno exótico, mas como um *problema* altamente teórico e reflexivo para as pessoas de Buli. Em terceiro lugar, as relações entre bruxaria e modernidade são abordadas de um novo viés: a modernidade possibilita novas reflexões sobre os problemas e as aporias da bruxaria. Não se trata de conceber a bruxaria como discurso social tradicional que possibilita às pessoas ajustar contas com as novas, e ambivalentes, condições sociais que emergiram com a modernização (p. 7-15).

Embora ganhe novos contornos conforme o momento histórico, a dúvida se funda nos próprios mitos. Como exposto no capítulo 2, a mitologia de Buli não é, para Bubandt, fonte de conhecimento totalmente estável ou confiável sobre a natureza e as ações dos *gua*. Ao invés de formarem um sistema de certeza ontológica, os relatos mitológicos sobre as origens dos *gua* são instâncias de uma epistemologia da conjectura, cujas incertezas são ontologicamente institucionalizadas (p. 63-64). Os mitos de origem dos *gua* analisados no segundo capítulo contêm contradições relativas aos modos pelos quais alguém se torna um bruxo. Nesse sentido, mitos oferecem várias respostas, e não explicações unitárias, acerca das origens da bruxaria (p. 72-73).

Os problemas da bruxaria e as promessas de suas resoluções são tratados em uma chave histórica nos capítulos 3 e 4. Promovida pelo trabalho missionário de calvinistas holandeses, a conversão em massa ao cristianismo indica que, em um primeiro momento, novas expectativas quanto ao fim da bruxaria (p. 78-80) e aos problemas relacionados à morte e aos *gua* (p. 105) foram criadas. Progressivamente, a permanência visceral e cruel dos *gua* reverteu as promessas do cristianismo de acabar com a bruxaria. Frustrações e decepções, similares à natureza fraudulenta e enganosa dos próprios bruxos-canibais (p. 117), prevaleceram na longa duração.

Assim, a esperança quanto à possibilidade do fim da bruxaria teve que se defrontar com o horror radical dos *gua*. Como se demonstra mais adiante no livro, no sexto capítulo, a ininteligibilidade da bruxaria incita as pessoas a construírem histórias em busca de respostas à interminável experiência dos *gua*. A natureza aporética dos *gua*, sua inacessibilidade, requer uma constante busca por atribuição de sentido. A bruxaria em Buli veio, então, a funcionar como história. Na medida em



que as pessoas investigavam as aporias de um ataque, este se tornava mais inteligível ao ser conectado a ataques prévios de *gua*, tornando-os inteligíveis de novas maneiras (p. 158).

No capítulo cinco, Bubandt avança uma “teoria corporificada da bruxaria”, atenta à natureza corporal do universo de Buli, no qual objetos, grupos sociais e trocas rituais possuem dimensões corporais (p. 140). A bruxaria é, essencialmente, abjeta; seu horror, visceral. Os *gua* são espíritos canibais que seduzem os corpos de bruxos humanos e destroem os corpos de suas vítimas. A desconstrução de corpos e as moléstias físicas e sexuais infligidas, revelam uma dimensão central da bruxaria em Buli, a saber: a questão de comer e de ser comido (p. 119).

Os ataques dos *gua* a instâncias vitais dos humanos (os órgãos sexuais) e ao repositório das emoções humanas (o fígado), são uma expressão de sua voracidade pela vida dos outros. Esses seres matam suas vítimas ao removerem sua sombra-consciência, fazendo-os perder qualquer lembrança dos ataques, tornando seus corpos estranhos a si mesmos, desagregando as partes elementares que tornam os humanos, humanos. Ademais, uma pessoa se torna bruxo quando o espírito de um *gua* toma o lugar de sua sombra-consciência, transferindo seus desejos canibais a outrem (p. 123-130). O bruxo e os *gua* são, simultaneamente, excessivamente corporais e inteiramente desincorporados. A bruxaria é, então, uma aporia de um ser corporificado, cuja experiência corporal viola o próprio mundo, na medida em que este é modelado pelo corpo humano (p. 117-120; 140).

O capítulo seis gravita em torno das “políticas espirituais”, das conexões entre os imaginários estatais e as realidades da bruxaria. Bubandt explora as consequências políticas não previstas dos planos de se erradicar a bruxaria, que foi atrelada a práticas animistas e crenças ditas supersticiosas, durante o regime autoritário e desenvolvimentista de Hadji Suharto, entre 1966 e 1998. Apesar dos ímpetos (um tanto ambivalentes) modernistas do regime, os *gua* se tornaram mais visíveis, mais problemáticos (p. 153). Em um período de intensas transformações, a bruxaria foi continuamente (re)produzida e reinventada. Outrossim, no mesmo capítulo Bubandt retoma conexões entre história e bruxaria. O próprio modo de operação de bruxos e dos *gua* oferece pistas a esse respeito. Se, de um lado, os *gua* removem a sombra, ou *gurumin*, de suas vítimas, de outro devolvem às vítimas,

arrogantemente, sua sombra-consciência, fazendo-as lembrar dos ataques. Essa memória recuperada é a única maneira por meio da qual os humanos podem conhecer diretamente a bruxaria, mas isso não é isento de riscos: a revelação desse conhecimento implica na morte.

Nesse sentido, a bruxaria, e sua cura, são batalhas em torno do segredo e da socialidade, sobre a memória e seus perigos. O paradoxo da verdade sobre a bruxaria em Buli é de que o *gua* revela a verdade sobre si mesmo, embora proíba a enunciação dessa verdade. Em suma, a verdade e a morte estão enredadas: somente por meio da bruxaria se detém alguma memória dos ataques de bruxos (p. 40; 143-144). Fica evidente, nesse trecho da obra, que a atenção conferida às dúvidas não implica em dualismos. Ou seja, dúvidas relacionam-se de modos complexos com certezas, incertezas, hesitações e com o processo de constituição, e desconstituição, de verdades.

O capítulo seguinte explora as implicações sociais e epistemológicas da excepcional, desconcertante e estranha possibilidade de que qualquer pessoa possa ser um bruxo. A inacessibilidade fundamental da bruxaria é uma premissa existencial para potenciais bruxos, assim como para suas potenciais vítimas. De forma mais desconcertante ainda, pode ser impossível conhecer o interior da própria mente, desconhecer a si mesmo. Uma vez que as incertezas são integrais às aflições causadas pela bruxaria – tanto para bruxos quanto para suas vítimas –, Bubandt sugere que o que está em jogo aí é a “aporia da alteridade” em sua forma monstruosa: o misterioso perigo associado à outridade que caracteriza as relações intersubjetivas com outras pessoas, assim como todas as relações do sujeito consigo mesmo.

O reconhecimento, em Buli, assim como em várias sociedades do Pacífico, da impossibilidade de se conhecer os pensamentos internos ou os sentimentos dos outros, constitui uma “doutrina perspectiva” que estabelece certos parâmetros para aquilo que constitui a socialidade, a interação social e a propriedade social (p. 182-187). Assim, “a realidade da bruxaria em Buli não é apenas um fato social e histórico; é uma aporia existencial que demanda uma ética particular de precaução e o cultivo deliberado de um self orientado para os outros” (p. 192).

Tecnologia, dinheiro e os futuros da democracia, título do oitavo capítulo,



trata da bruxaria à luz dos fenômenos ligados à descoberta de vastos recursos de níquel e o estabelecimento de companhias mineradoras na região. Em poucos anos, as condições de vida locais alteraram-se significativamente – da agricultura e pesca de subsistência para uma economia monetária dependente da mineração. As quantias de dinheiro disponíveis aos moradores desde então foram convertidas em bens de consumo, como bicicletas, geradores de energia, telefones celulares, roupas e aparelhos de som estéreos. Em Buli, a modernização trouxe o potencial de varrer a bruxaria, inclusive porque os *gua* são avessos a sons e luzes, amplificados após a chegada da eletricidade (p. 212-220).

No entanto, se novas tecnologias se ligam à promessa moderna de dissipar a bruxaria, a feitiçaria e os espíritos, os próprios bruxos têm suas ferramentas e técnicas, podendo assumir qualquer forma, humana e não-humana, inclusive tornando-se objetos mecânicos. Desse modo, as expectativas de que os *gua* fossem finalmente banidos com a modernização são minadas por outros possíveis efeitos da tecnologia: renovar a bruxaria (p. 223-225). De acordo com Bubandt, não é nem a modernidade, nem a tecnologia ou a monetarização da sociedade, que está em jogo, mas a articulação dos *gua* com essas novas condições sociais (p. 235).

Como salienta o próprio autor na conclusão da obra, o ponto central não é determinar se a bruxaria recrudesce ou desaparece com a modernização. Antes, é mais produtivo tratar etnograficamente de como a modernidade é experienciada como algo exitoso ou falho sob as condições da bruxaria. Em diálogo com obras recentes que tratam das relações entre feitiçaria e modernidade em contextos africanos (Adam Ashforth, Peter Geschiere, Harry West, John e Jean Comaroff), Bubandt também destaca os aspectos experimentais, fragmentários e ambivalentes da bruxaria. Entretanto, o autor questiona a tendência desses estudos de enfatizar as funções e os significados da bruxaria (paradigma explanatório). Embora não deixem de tratar de dúvidas, acabam por redomesticá-la, de modo que a ambivalência regressa enquanto um aspecto temporário, mas resolvível, da crença.

Assim, a bruxaria torna-se um sistema cujas contradições internas parecem adequadas para direcionar e explicar as contradições da modernidade. Em suma, em Buli o problemático não é a modernidade, o parentesco ou a economia global, mas sim a bruxaria, que nunca é domesticada por um sistema de crenças ou de



significados que fornece respostas a problemas sociais ou a um mundo em mudança (p. 238-240). Nesse sentido, a sociedade não vem primeiro. Talvez, sugere, uma teoria da bruxaria que não negue o social, mas abstenha-se de atribuir à dimensão social um poder explanatório, mágico, por detrás, ou acima, da bruxaria, possa se beneficiar do conceito de aporia, pois a bruxaria é fundamentalmente inacessível: a conjectura é o melhor que as pessoas podem fazer diante dela (p. 245-246).

As conchas habitadas por nautilóides, moluscos marinhos presentes nos recifes de Buli, constituem indícios de um crime, de uma possibilidade temida. Cefalópodes ausentes são um dos índices da realidade ocultada e inegável da bruxaria, uma evidência da presença ausente dos *gua*. O próprio fato de que a realidade da bruxaria se esconde de seres humanos significa que se deve ser ainda mais precavido. Isso não significa que as pessoas não tenham interesse teórico no assunto, como sugeriu Evans-Pritchard; ao invés disso, é a contradição, patente para todos em Buli, que aumenta a necessidade ontológica e epistemológica da bruxaria.

Ontologicamente bruxos são reais, mas essa realidade tem um estatuto ambíguo porque é expressa na ausência, assim como na presença. Isso significa que a epistemologia da bruxaria, as condições de saber qualquer coisa sobre bruxos, é sempre algo pleno de enigmas a serem solucionados. Se a bruxaria clama por explicações, ao mesmo tempo resiste a explicações definitivas. Bubandt demonstra capacidade ímpar de gerar novas inquietações, pois sua teoria etnográfica faz jus às preocupações epistemológicas e ontológicas dos habitantes de Buli, que desestabilizam as soluções propostas por paradigmas antropológicos sobre a bruxaria.

Recebido em: 04/01/2019

Aceito para publicação em: 04/06/2019

